

EDITORIAL*

A integração energética na América Latina

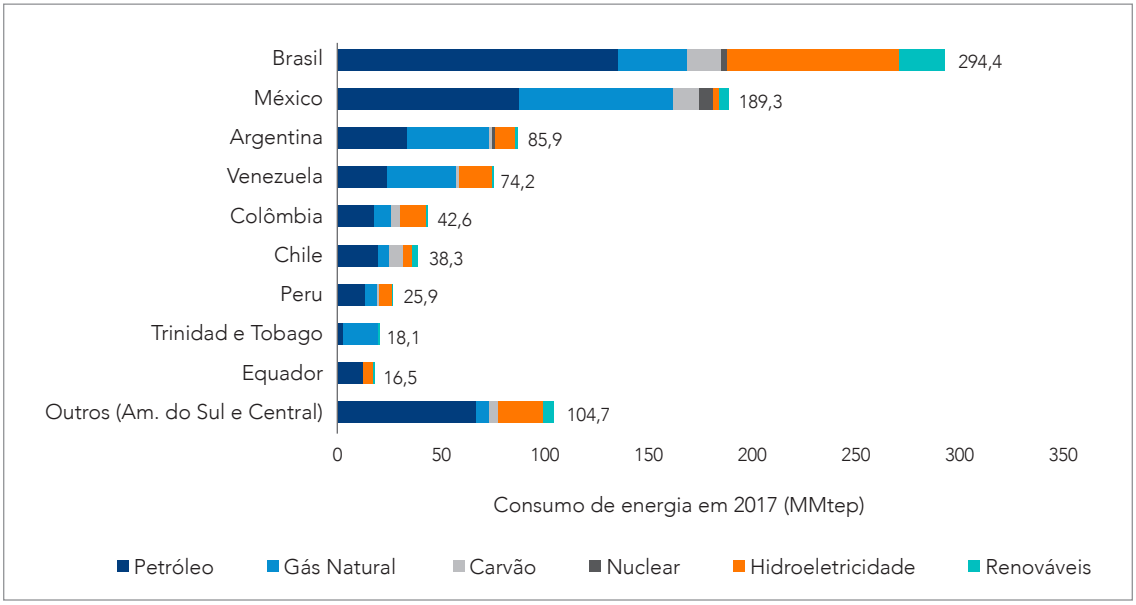
O potencial energético da América Latina é amplamente diversificado, com a disponibilidade de recursos tanto fósseis quanto renováveis. Além da região possuir quase 20% das reservas mundiais de petróleo e cerca de 4% das de gás natural, segundo dados do *BP Statistical Review of World Energy* (2018)[1], a produção de energias renováveis merece destaque, pela disponibilidade de recursos hídricos e biomassas, além do elevado potencial solar e eólico. De acordo com dados do mesmo relatório (BP, 2018), em 2017, as fontes renováveis representaram 56% da geração de energia elétrica na América Latina, e corresponderam a 15% da geração elétrica renovável no mundo.

A segurança energética é imprescindível para o desenvolvimento econômico dos países, em especial da América Latina. Contudo, a mera disponibilidade de recursos não cria segurança energética *per se*. Há uma lacuna no que se refere a uma maior integração energética dos países desse bloco, que poderia favorecer a melhor utilização dos recursos e a difusão de conhecimento e tecnologia, caso eles conseguissem se desenvolver de forma mais agregada.

Dado o seu tamanho, o Brasil responde por 33% da demanda energética desse grupo de países, com um consumo de 294 MMtep (milhões de toneladas equivalentes de petróleo) em 2017, conforme mostra a Figura 1. Em segundo lugar está o México, com o consumo de 190 MMtep, e em seguida está a Argentina com menos da metade deste valor (86 MMtep).

[1] Disponível em: https://www.bp.com/en/global/corporate/energy-economics/statistical-review-of-world-energy.html

Figura 1: Consumo energético dos países da América Latina por combustível



Fonte: *BP Statistical Review of World Energy* (2018)

Merece destaque o aumento da participação de fontes renováveis, com o maior aproveitamento destes recursos abundantes nos países latino-americanos. O Brasil concentra a maior participação de tais recursos, conforme pode ser visto na Figura 1, mas é interessante notar que a capacidade instalada de geração fotovoltaica do Chile supera a do Brasil. Segundo o Atlas Solar Global da SWERA, na região do Deserto do Atacama, no Chile, há as melhores condições para a geração fotovoltaica, onde a radiação é a mais estável e intensa do mundo, durante todo o ano, e a temperatura não alcança altos níveis (CASTRO e COSTA, 2019)[2].

No que se refere às iniciativas de integração energética entre os países da América Latina, podemos citar: os projetos de usinas hidrelétricas, como a de Itaipu, que une Brasil e Paraguai, e Yaciretá, que reúne Argentina e Paraguai; a implementação de gasodutos que interligam Brasil - Bolívia, Bolívia - Argentina, e Argentina - Chile; os sistemas de transmissão que conectam, entre outros, Brasil - Uruguai, Brasil - Argentina, e Colômbia – Equador; o parque eólico Artilleros, que envolve Uruguai e Brasil; entre outros.

Apesar de tantos exemplos, ainda há muito espaço para desenvolver estratégias voltadas para o maior compartilhamento de recursos e tecnologias entre os países do bloco, com foco no crescimento da oferta de energia a preços baixos, aumentando a segurança energética e garantindo o crescimento econômico da região. Nos últimos anos, diversos países da região promoveram reformas e intensificaram esforços para atrair investidores privados e internacionais do setor energético a fim de acelerar atividades e aumentar o número de projetos de geração de energia. Com a chegada

[2] CASTRO, Nivalde de; COSTA, Luana Carolina Alves da. "Um Breve Panorama sobre Energias Renováveis na América Latina". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 08 de março de 2019.

de vários novos governos ao poder, em sua maioria com características liberais, e a presença de um ambiente favorável, em função do respeito aos contratos e do afastamento dos eixos de guerra, terrorismo e conflitos, a região pode se consolidar como um polo atrativo para investimentos, principalmente no que tange ao aproveitamento do seu elevado potencial energético.

Nesse sentido, o **Boletim de Conjuntura** deste mês traz como tema as oportunidades e desafios envolvidos na maior integração energética entre os países latino-americanos, além de análises das negociações referentes a projetos dos quais o Brasil participa e que estão em andamento nesse momento.

A primeira coluna, de autoria do Secretário Executivo da CIER (Comissão de Integração Energética Regional), Tulio Machado Alves, aborda as interconexões e o intercâmbio de energia elétrica na América do Sul, enquanto a segunda coluna, de autoria da advogada da Petrobras, Cristina Brito Repsold, e a terceira, de Eduardo Nery, consultor da Energy Choice, trazem, respectivamente, as dificuldades jurídicas, econômicas e políticas e as oportunidades atuais associadas à integração energética nos países latino-americanos. O quarto texto deste mês, de Liliana Diaz, diretora da FTI Consulting, analisa as iniciativas argentinas de promoção de integração regional. Além destes, este boletim mensal traz, ainda, uma discussão sobre a revisão do Anexo C do Tratado de Itaipu, que envolve a negociação das bases financeiras para a tarifa de suprimento da energia gerada pela usina binacional, que une Brasil e Paraguai; um texto sobre o caso da integração dos mercados de gás natural no Brasil, Bolívia e Argentina a partir do gasoduto Brasil-Bolívia; e uma discussão a respeito dos impactos da geopolítica do petróleo na região.

* Este texto não deve ser citado como representando as opiniões da Fundação Getulio Vargas (FGV). As opiniões expressas neste trabalho são exclusivamente da equipe de pesquisadores do grupo FGV Energia.